

A Experiência de Adolescentes Criados por Avós

The experience of Adolescents raised by Grandparents

Flávia Juliana Dourado Paixão (FATESP) ¹
Normanda Araujo de Moraes (UNIFOR) ²

Resumo: Esse artigo buscou compreender a experiência de adolescentes que são criados por avós, sobretudo as circunstâncias que levaram à criação pelos avós e as percepções, sentimentos e aspectos-chave da relação dos adolescentes com seus avós. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que utilizou um questionário de caracterização sociodemográfica e um roteiro de entrevista semi-estruturada. Entrevistaram-se seis adolescentes (entre 15 e 18 anos), de ambos os sexos e residentes em Teresina, PI. Os resultados mostram que os principais fatores que motivaram à criação pelos avós foram o divórcio dos pais biológicos e a gravidez precoce. No geral, as percepções, sentimentos e as relações estabelecidas com os avós são descritas como muito positivas, embora também se verifique a existência de conflitos intergeracionais. Ressalta-se a importância de estudos que foquem na perspectiva dos adolescentes, os quais mostram que a experiência de ser criado por avós pode ser algo positivo e adaptativo ao funcionamento familiar.

Palavras-chave: Avós; Adolescência; Intergeneracionalidade; Família.

Abstract: This article sought to understand the experience of adolescents who are raised by grandparents, especially the circumstances that led to the upbringing by the grandparents and the perceptions, feelings and key aspects of teenagers' relationship with their grandparents. It is a qualitative research, which used a social demographic characterization and a semi-structured interview. Six teenagers (between 15 and 18 years old), of both sexes and Teresina-Piauí residents, were interviewed. The results show that the main factors which have led to the grandparents' upbringing were the divorce of birth parents and early pregnancy. Overall, perceptions, feelings and the relationships established with the grandparents are described as very positive, although the existence of intergenerational conflicts was observed. It is emphasized the importance of studies that focus on the adolescents' perspective, which show that the experience of being raised by grandmothers can be something positive and adaptive to family functioning.

Keywords: Grandparents; Adolescence; intergeneration; Family.

Submetido em 2016-04-23

Aceito em 2016-08-03

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Professora da Faculdade de Tecnologia e Educação Superior Profissional (FATESP). E-mail: flavia_paixao@yahoo.com.br

² Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Coordenadora do Laboratório de Estudos dos Sistemas Complexos: casais, família e comunidade (Lesplexos). Bolsista Produtividade II do CNPq.

Introdução

Os estudos a respeito da relação avós-netos surgiram no Brasil predominantemente durante a década de 90 (e.g. Araújo, 1999; Atalla, 1996; Dias, 1994; Dias & Silva, 1999; Oliveira, 1998). A maioria destas pesquisas, no entanto, tende a focar a vivência dos avós sob diversos aspectos, tais como: o significado familiar e a função social do papel dos avós (Batista, 2009; Pacheco & Alves, 2012); as relações entre avós e netos (Paula et al., 2011; Rabelo & Neri, 2014); as possibilidades educativas oferecidas pelos avós (Costa, Cavalcante, & Pontes, 2015) e a importância dos avós no contexto de mudanças no ciclo vital da família (Araújo & Dias, 2010; Cardoso, 2011).

Por outro lado, os estudos que tratam da perspectiva dos próprios adolescentes a esse respeito, são bem mais recentes, uma vez que apenas a partir de 2010 é que têm recebido maior visibilidade (e.g. Arrais, Brasil, Cárdenas, & Lara, 2012; Dias, Aguiar, & Hora, 2010; Dias, Hora, & Aguiar, 2010; Dias, Ataíde, Magalhães, & Albuquerque, 2011; Oliveira & Karnikowski, 2012; Pinto, Arrais, & Brasil, 2014). Comparativamente, porém, verifica-se que os estudos sobre a perspectiva dos avós ainda são em maior número, quando comparados aos estudos que tratam da perspectiva dos adolescentes que são criados por avós.

Segundo o Censo Demográfico de 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2011) realizado no Brasil, o contingente de pessoas idosas é de 20.590.599 milhões, ou seja, aproximadamente 10,8% da população total. Destes, 14,4% vivem sozinhos; 30,7% vivem com os filhos com mais de 25 anos de idade e 85,6% dos idosos vivem com outra pessoa com algum grau de parentesco. Estes dados fornecem indícios de que os idosos estão cada vez mais presentes na vida familiar brasileira, pois a coresidência com filhos e netos favorece que os avós ocupem o papel de chefes do lar, responsabilizando-se pelos cuidados e criação de seus netos. No Nordeste brasileiro, por exemplo, ocorre com frequência a vivência de famílias chefiadas por mulheres idosas, que são as provedoras do lar, existindo aí uma grande proximidade e convivência no que se refere à relação avós-netos (Coutrim, 2006).

Alguns fatores contribuem para que netos sejam criados pelos seus avós, dentre os quais se citam na literatura brasileira e estrangeira: o apego do neto aos avós; o fato de os pais não disporem de condições econômicas para criá-los; a inserção das mulheres no mercado de trabalho; a necessidade dos pais trabalharem ou viajarem; a necessidade dos

pais migrarem em busca de emprego; a situação de divórcio e/ou o retorno para a casa dos pais com os seus filhos; a coresidência dos pais e filhos; o recasamento dos pais separados e a não aceitação da criança pelo atual cônjuge ou a não aceitação deste pela criança; a morte ou doença de um dos avós; a necessidade de um dos avós ou dos netos não ficarem sozinhos; a decisão de não quererem os netos em lares adotivos; os avós gostarem de criar outras pessoas; querer morar com os avós; a necessidade dos netos receberem estudo formal; e a maternidade adolescente (Cardoso & Brito, 2014; Cardoso & Costa, 2011; 2012; 2014; Dias, Aguiar, & Hora, 2010; Lima & Rocha Junior, 2014; Mainetti & Wanderbroocke, 2013; Santos, Silva, & Pontes, 2011).

Os autores supracitados apontam, ainda, o uso e abuso de drogas pelos pais ou pelos netos; a implicação dos pais em situações ilícitas e/ou judiciais; acidentes, morte, suicídio; a incapacidade dos pais por doenças neurológicas, mentais ou AIDS; imaturidade ou instabilidade emocional; adoção inadequada; incesto; violência doméstica; e o fato da criança/adolescente ter alguma deficiência. Em síntese, a literatura é unânime em afirmar que são diversas as motivações – relacionadas aos pais biológicos, circunstâncias de nascimento da criança e vida dos pais, assim como relacionados aos próprios avós ou às crianças em si – que implicam a criação de netos por seus avós.

Os autores Triadó et al. (2006) realizaram um estudo em Barcelona, na Espanha, que tinha o objetivo de identificar a percepção dos netos sobre seus avós e vice-versa, além de descrever os possíveis pontos de conflitos que podem existir na relação entre eles. Participaram 58 pares de avós e netos, sendo 17 avôs e 41 avós, 20 netos e 38 netas, sendo que entre estes, nove coresidiam e eram criados pelos seus avós. As características que os netos adolescentes mais gostam em seus avós são o cuidado, a atenção e o tempo dispensado a eles, seja por meio das refeições, ajuda financeira e companhia dos avós. Outro elemento destacado foi a compreensão recebida dos avós, (capacidade de escuta e apoio emocional), a extroversão e bondade destes, bem como o fato de serem figuras de referência familiar, sacrificando-se pela família e mantendo viva as memórias familiares.

Acerca dos aspectos que menos gostam em seus avós, citam-se: o hábito de assistir televisão com muita frequência, a irritabilidade, rigidez e passividade, além da aparência. Os problemas de relação foram percebidos pelos netos em situações de desentendimentos, as intenções de controle dos comportamentos dos netos, a repetição persistente dos mesmos temas e reclamações com as saídas dos adolescentes com seus

amigos; e, por último, os valores, as crenças e opiniões sobre política, religião e visão de mundo dos avós incompatíveis com as ideias dos netos, temas que têm envolvimento com o choque de gerações.

Em estudo realizado em Armenia, na Colômbia, as pesquisadoras Soto, Chacón, e Restrepo (2009) investigaram a percepção de adolescentes sobre seus avós. Participaram deste estudo 600 netos adolescentes com idades que variam entre 10 a 12 anos, sendo que dentre estes 25% corresidiam com seus avós. Para 80% destes adolescentes, as avós são percebidas como aquelas que compartilham atividades, intimidade e afeto, além de realizarem o papel ligado à afetividade e ao cuidado, já os avós são percebidos como mais distantes emocionalmente. Corroborando os objetivos destes estudos, encontra-se a pesquisa de Triadó, Martínez, e Villar (2000), realizada com 272 adolescentes com idades entre 14 a 20 anos em Barcelona. Dentre eles encontram-se percepções de avós como cuidadores substitutos dos pais, fonte de ajuda econômica, reforçadores do seu próprio valor, aliança fiel, fonte de afeto e ajuda emocional. Em geral, as avós foram percebidas como cuidadoras e os avós como aqueles que propiciam o conhecimento sobre a velhice para os netos adolescentes deste estudo.

Em estudo semelhante realizado em Portugal por Cunha e Matos (2010), com 316 adolescentes com idade de 13 a 21 anos (21,6% deles corresidem com seus avós), verificou-se que os netos adolescentes apontam a confiança e a mediação como elementos presentes nas relações com seus avós. Além disso, afirmaram beneficiar-se de mimos, dinheiro e conselhos de seus avós, os quais também eram percebidos positivamente como pessoas bondosas, simpáticas, honestas, atenciosas, solidárias, generosas, amigas, maduras e conselheiras. No entanto, outras representações, vinculadas a aspectos mais negativos também foram mencionadas: os avós como resmungões, insistentes, teimosos, zangados, inseguros e críticos.

No Brasil, Oliveira (2009) realizou um estudo em São Paulo sobre o jovem frente à velhice e ao envelhecimento com 27 netos adolescentes com idades entre 15 a 18 anos, dentre estes oito corresidiam com seus avós. Entre os principais resultados, estão as percepções acerca dos seus avós, sentimentos por eles e sua relação com os mesmos. Os adolescentes mencionam o sentimento de amor que nutrem pelos avós, a presença de carinho na relação entre eles e descrevem os avós como amigos, experientes, conselheiros, contadores de histórias familiares, bem como àqueles que os defendem em casa e oferecem coisas que os pais não o fazem (e.g. dinheiro e permissão para sair com

alguns colegas). Dentre as dificuldades existentes na relação, são mencionados os conflitos inerentes às relações familiares e resolvidas no cotidiano, como por exemplo a ideia de achar uma chatice ter que andar e conversar com os avós, o fato de a avó contar uma mesma história diversas vezes, a avó ficar irritada com o rádio ligado, além de a avó querer entrar nas redes sociais várias vezes ao dia com o auxílio do neto.

Semelhante ao estudo relatado anteriormente, as autoras Dias, Hora, e Aguiar (2010) investigaram jovens criados por avós na presença de um ou ambos os pais. Participaram desta pesquisa 43 netas e 35 netos, entre 11 e 24 anos, solteiros, e com tempo médio de convivência com avós e pais de 15 anos, sendo que apenas três deles corresidem com os avós e o pai. O relacionamento com os avós é descrito como bom para 61% das netas e 39% dos netos; e 35% das netas e 34% dos netos se sentem felizes por terem sido criados por duas mães e dois pais. A relação entre avós e netos é percebida pelos netos como envolvida de afeto e respeito e ausente da exteriorização de conflitos (Dias, Hora, & Aguiar, 2010). Igualmente, em estudo realizado na cidade de São Paulo, com a participação de cinco netos adolescentes de 12 a 14 anos e suas três avós idosas, sendo que três netos corresidem com elas, Sperling (2006) também encontrou uma convivência tranquila para o diálogo e ausente de agressões. Nos discursos dos netos adolescentes, por sua vez, é frequente o relato do desejo de retribuir os cuidados (físicos, financeiros e morais) a eles dispensados pelas avós.

Numa investigação da qual participaram 15 famílias de camadas médias corresidentes com três gerações do sexo feminino do Recife (avós-mães e netos), Dias et al. (2011) descreveram os sentimentos experimentados pelos netos por participarem de uma família corresidente, sobressaindo-se o amor, o ganho de muita experiência e o cuidado por parte dos avós que os criam (Dias et al., 2011). Resultados semelhantes foram encontrados também no estudo desenvolvido por Dias, Aguiar, e Hora (2010) com 60 adolescentes (30 de cada sexo) criados por avós maternos e paternos, em média durante 13 anos. Os netos se sentem felizes por terem convivido com duas mães, o que foi apontado por 27% das netas adolescentes e 33% dos netos; seus avós foram percebidos como mais maduros e experientes do que os pais com relação às diferenças entre a criação oferecida por eles para 29% delas e 23% deles. Por fim, entre os netos os avós são percebidos como mais rígidos e tradicionais (17% delas e 23% deles).

Para compreender as peculiaridades e dificuldades vivenciadas por uma adolescente de 15 anos criada pela avó materna desde bebê, corresidindo com sua mãe e irmã de 11 anos, as autoras Pinto, Arrais, e Brasil (2014) realizaram no Distrito Federal

um estudo de caso no contexto de atendimento psicoterápico clínico da adolescente com queixas de comportamentos transgressores na escola. Neste estudo, a figura da avó foi percebida pela neta como alguém que a cria, que se preocupa afetivamente e desempenha a função parental como mãe, é vista como matriarca, figura de referência, representante de afeto e autoridade. Segundo as autoras, a vivência da relação entre avó e neta adolescente foi descrita como positiva, pois propicia acolhimento, contenção para sua impulsividade e alívio de suas aflições neste período de transformação, bem como a revisão das conflitivas internas e familiares decorrentes da ausência materna e paterna.

Visando identificar e compreender o lugar dos avós na configuração familiar de netos adolescentes, Arrais et al. (2012) realizaram um estudo com 87 adolescentes de Brasília com idades entre 14 e 19 anos, sendo que 31 destes eram corresidentes com os avós. Os dados indicam que os adolescentes criados por avós os procuram quando estão com problemas mentais ou emocionais. Porém, contraditoriamente, os adolescentes descrevem os avós de forma negativa, em geral, como pessoas nervosas, fato que de acordo com as autoras, pode estar relacionado à assunção dos papéis maternos e paternos pelos avós nesse contexto da criação.

Apesar da presente revisão de literatura ter tentado compilar os estudos prévios que tratam da perspectiva dos adolescentes que foram ou são criados por avós, verifica-se que proporcionalmente esses estudos ainda são em menor número quando comparados aos estudos que focam na perspectiva dos avós. Além disso, faz-se importante conhecer a realidade de adolescentes de uma capital nordestina (Teresina), a qual ainda não foi relatada na literatura, ampliando-se as dimensões investigadas, como por exemplo fatores que motivaram à criação pelos avós desde a primeira infância, possíveis conflitos intergeracionais, dentre outros. Por esta razão, este estudo visa compreender a experiência de adolescentes que são criados por avós na cidade de Teresina, PI. Especificamente, buscar-se-á descrever as circunstâncias que levaram à criação pelos avós, as percepções e sentimentos dos adolescentes a respeito dos avós, bem como sobre a relação com os mesmos.

Método

Tipo de estudo

Tratou-se de uma Pesquisa Qualitativa, do tipo exploratória e descritiva.

Participantes

Seis adolescentes (quatro do sexo masculino e dois do sexo feminino), com idades variando de 15 a 18 anos (M = 16 anos), criados por avós desde a primeira infância. Os participantes foram escolhidos por conveniência e eram alunos de uma escola particular da cidade de Teresina, PI. Todos eram solteiros e nenhum trabalhava; e a principal atividade era o estudo. O principal critério de inclusão utilizado foi ter entre 12 e 18 anos; e ter sido criado por avós desde o nascimento até a adolescência.

Instrumentos

Foram utilizados um questionário sobre dados sociodemográficos e um roteiro semi-estruturado de entrevista, ambos especialmente elaborados para esse estudo. O questionário sociodemográfico apresentava questões sobre a caracterização do participante (idade, sexo, nacionalidade, naturalidade, escolaridade) e dados sobre o número de pessoas com quem o adolescente morava e sobre quem seriam essas pessoas. O roteiro semi-estruturado de entrevista, por sua vez, apresentava os tópicos: 1) história da criação do adolescente pelos avós (“*Você poderia me falar um pouco sobre a história de sua criação?*”); e 2) percepção e sentimentos a respeito dos avós, bem como sobre a relação com os mesmos (“*Como você percebe a sua relação com o seu avô? E com a sua avó?*”; “*E quais sentimentos você tem para seu avô? E sua avó?*”)

Procedimentos de coleta de dados

Após a aprovação da pesquisa no Comitê de Ética da instituição de origem das autoras, iniciou-se o contato com os responsáveis pela direção e coordenação pedagógica da escola para apresentação da pesquisa e consulta acerca da possibilidade de realização da mesma. Obtida a permissão da equipe escolar para a realização da pesquisa, a pesquisadora se dirigiu às salas de aulas e fez o convite formal aos alunos para participação.

Nesse contato, deu-se especial atenção à explicação dos objetivos da pesquisa, definição do perfil dos participantes que se buscava e cuidados éticos como, por exemplo, a necessidade da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por um dos pais/responsável dos adolescentes consentindo sua participação, além do Termo de Assentimento pelo próprio adolescente. Ao final, a pesquisadora comunicou aos adolescentes que voltaria à escola no dia seguinte para recolher os termos de consentimento que foram assinados pelos pais/responsáveis.

No total, seis adolescentes retornaram o TCLE assinado e explicitaram o seu desejo em participar da pesquisa. Nesse novo contato com os adolescentes no contexto escolar, a pesquisadora teve também a tarefa de agendar um horário de entrevista com o/a adolescente, em horário e local de sua preferência.

As coletas de dados foram realizadas nas próprias residências dos adolescentes. Inicialmente, preencheu-se o questionário sociodemográfico e, em seguida, a entrevista semi-estruturada. As respostas dos adolescentes ao questionário sociodemográfico foram anotados pela pesquisadora e a entrevista foi audiogravada para posterior transcrição e análise. A duração média da coleta de dados foi de uma hora.

Procedimentos de análise dos dados

Após a transcrição das entrevistas, foram elaboradas categorias temáticas, que sintetizam os principais temas ressaltados pelos participantes (Bardin, 1977/1979). A análise de conteúdo implicou os seguintes procedimentos: leitura exhaustiva de cada entrevista; estabelecimento de categorias temáticas; organização e análise do material, segundo as categorias temáticas; e cotejamento dos conteúdos das categorias com a literatura existente sobre a temática e com as referências teóricas que nortearam a pesquisa.

Procedimentos éticos

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Fortaleza – UNIFOR e aprovada pelo respectivo Comitê (Parecer CAEE – 0151.0.037.000-11). Nesse sentido, conforme já mencionado, contou com a assinatura do TCLE por um dos pais/responsáveis do adolescente e do Termo de Assentimento por este último.

Resultados e discussão

A análise de conteúdo das entrevistas originou a elaboração de quatro eixos temáticos: 1) Motivos e circunstâncias que levaram os adolescentes a ser criados por avós; 2) Os avós na perspectiva dos netos: “São pais/avós”; 3) Sentimentos pelos avós: amor, gratidão, apego e admiração; 4) Relações dos adolescentes com avós e avôs que os criam.

Entre os seis adolescentes participantes, todos pertenciam ao arranjo familiar de coresidência (ver Tabela 1), pois compartilhavam da residência com a geração dos

avós, pais e tios. Nesse caso, o arranjo ainda é considerado *corresidência*, pois há a presença de seus tios e tias na casa.

Verificou-se que todos os adolescentes foram criados pelos avós maternos desde o nascimento. A presença dos pais biológicos na criação se deu da seguinte forma: adolescentes criados com a presença das mães biológicas na criação apenas na primeira infância (E1); com a presença apenas da mãe biológica na primeira infância e na adolescência (E3); com a presença de ambos os pais na primeira infância e, após a separação do casal, apenas com a mãe biológica até hoje (E5); com a presença de ambos os pais biológicos até hoje (E2, E6). A exceção foi E4 que foi criado com a ausência dos pais. Constatou-se, ainda, que todos os adolescentes foram criados com a presença dos tios e tias desde o nascimento até o momento. Um dado que chamou atenção diz respeito à adolescente E3 que considerou duas casas como sua moradia: a casa da avó (casa 1), onde mora com os tios, uma irmã e a avó materna; e a casa da mãe biológica (casa 2) ao lado da casa da avó, onde mora com uma irmã e a mãe (família monoparental feminina).

Tabela 1

Caracterização dos Participantes

Participante	Idade	Sexo (M/F)	Nº de corresidentes	Pessoas corresidentes	
E1	16	F	05	Avós maternos Tia materna Prima (filha da tia materna) Adolescente	
E2	15	F	07	Avós maternos Pai e mãe biológicos Tia materna Irmão Adolescente	
E3	18	F	Casa 1: 06 Casa 2: 03	Casa 1: Avó materna Tio materno Tia (esposa do tio) 2 irmãs (filhas de pais diferentes) Adolescente	Casa 2: Mãe e 1 irmã Adolescente
E4	17	M	04	Avós maternos Tia materna Adolescente	
E5	15	F	10	Avó materna Mãe biológica Padrasto Irmã (filha do pai biológico) Irmão (filho do padrasto) 2 tios maternos Tia materna Primo (filho da tia materna) Adolescente	
E6	16	M	06	Avós maternos Pai e mãe biológicos Tio materno Adolescente	

1. *Motivos e circunstâncias que levaram os adolescentes a ser criados por avós*

Nesta categoria, os adolescentes entrevistados relataram a história da criação por parte dos avós, as circunstâncias e contingências de vida que os envolveram no lar dos avós desde a primeira infância. A história foi contada fornecendo as versões dos mesmos, ainda que seja uma história transmitida por avós, pais e tios, como eles relataram.

Os motivos e circunstâncias apontados pelos adolescentes entrevistados para começar a ser criados pelos avós abrangem: a gravidez adolescente, o trabalho de ambos os pais, a separação do casal de pais e, ainda, os avós criarem o neto para garantir uma melhor escolarização formal do mesmo. Esses fatores têm sido elencados igualmente pela literatura como as circunstâncias que levam os avós a criarem seus netos (Cardoso & Brito, 2014; Cardoso & Costa, 2011; 2012; 2014; Dias, Aguiar, & Hora, 2010; Lima & Rocha Junior, 2014; Mainetti & Wanderbroocke, 2013; Santos, Silva, & Pontes, 2011). Pode-se verificar nas seguintes falas as motivações e circunstâncias apontadas:

a) Gravidez adolescente da figura parental feminina

Esta adolescente entrevistada deixa claro em seu discurso a motivação que diz respeito à gravidez precoce da sua mãe. Nesse sentido coloca: “(...) mãe era muito nova quando ela engravidou. (...) eu vim morar com meus avós”. (E1)

b) Trabalho de ambos os pais

Na fala da adolescente E2 fica clara a motivação por parte dos avós para criá-la, como afirma: “Desde criança eu sou criada pela vó. Minha mãe ia trabalhar, meu pai também.” (E2). E ainda, “(...) minha mãe quase não parava em casa (...)”. (E2).

c) Separação dos pais

Neste caso, quatro adolescentes entrevistados apontaram a separação dos pais como uma circunstância de vida que levou à criação deles por seus avós. Como explicam os adolescentes: “(...) desde quando eu nasci que eu tô morando com meus avós, porque meus pais são separados (...)”. (E4); e “(...) minha mãe se separou do meu pai, aí a gente foi pra casa da minha vó (...)”. (E5)

d) Escolarização formal dos netos

O adolescente E6 afirma que morou com seus avós paternos por razão de uma reprovação. Segundo ele, este fato oportunizou uma melhor escolarização em uma instituição diferente que se localizava próximo a casa dos avós paternos. Como afirma

“(...) por culpa de uma reprovação tive que vir morar com meus avós por parte de pai”. (E6).

Além disso, as falas dos participantes da pesquisa facilitam a compreensão de outra circunstância envolvida: o arranjo familiar de coresidência, bem como sua relação com outras mudanças no ciclo de vida familiar, como o casamento dos pais e a permanência deles na casa dos avós (E2, E6); a separação dos pais (E4, E5), e a gravidez adolescente (E1).

2. Os avós na perspectiva dos netos: “São pais/avós”

Os adolescentes puderam descrever como percebem suas avós e seus avôs. Dessa maneira, primeiramente, encontraram-se percepções sobre a avó que os cria como alguém que se preocupa, uma pessoa calma, agradável, respeitada, guerreira, que briga, conversa, educa, dá conselhos, tem autoridade, moral, é forte, sustenta a casa, é “pai e mãe” ao mesmo tempo, e é considerada mãe/vó, como se pode verificar nas falas abaixo:

Calma, passa mais a mão na cabeça, ela já conversa mais. (...) Se preocupa demais comigo. (E1)

Tanto ela quanto o meu avô são dois guerreiros. (E2)

Ela tem o moral, ela manda na gente mais do que nossa mãe. (E3)

A vó é minha mãe e meu pai. (E4)

Mãe/vó. Ela é que sustenta a casa toda. Uma mulher muito forte. (E5)

São pais/avós. (E6)

Diante do que foi mencionado, fica evidente as percepções positivas que os netos apresentaram sobre as avós que os criam, apesar de que na fala da adolescente E3 há o relato de que a avó briga com ela. Porém, em seu discurso, nota-se que isto não tem uma conotação não-saudável. Na seguinte fala, ela explica o recurso utilizado no momento das brigas: “*Eu nem falo mais, deixo ela brigar lá*”. (E3).

As percepções sobre os avôs descritas pelos adolescentes se desdobram desde alguém rígido, severo, bruto, que reclama de tudo, briguento, que bebe, até a pessoa que está sempre por perto, é conselheiro, guerreiro, batalhador, figura de segurança, autoridade, pai, pais/avós.

É muito rígido, muito severo, gosta das coisas tudo ali no ponto. É o que tá no topo, o que segura. A pessoa que tá ali sempre por perto. (...) Mais brigão, mais reclamão de tudo (E1)

Grande guerreiro, batalhador. (E2)

Quando ele bebe, ele se torna um pouco chato. É bruto! (E4)

São pais/avós. Ele sempre me deu ótimos conselhos (...) É uma pessoa que sempre esteve do meu lado. (E6)

Por meio destas análises, compreende-se que as percepções são positivas, principalmente ao tomar-se como exemplo os discursos de E2, E6, além de E4 e E1, apesar destes últimos também citarem percepções negativas sobre os avós, ligadas às características pessoais do avô como alguém briguento, que gosta de reclamar (E1) e bruto, bem como a percepção negativa ligada ao seu frequente uso e abuso de álcool (E4).

A percepção sobre o avô falecido é integrada a esta discussão devido à dimensão afetiva, social e psicológica que a adolescente descreve sobre seu avô, como nesta fala “*Meu vô era maravilhoso*”. (E3), o que indica, possivelmente, uma percepção positiva sobre o avô que a criou.

Alguns estudos importantes sobre a relação avós-netos adolescentes mencionam as percepções positivas sobre os avós (e.g. Dias, Aguiar, & Hora, 2010; Dias, Hora, & Aguiar, 2010; Pinto, Arrais, & Brasil, 2014; Triadó et al., 2006; Triadó, Martínez, & Villar, 2000). Exceto em Arrais et al. (2012) e Cunha e Matos (2010) ocorreu a descrição por parte dos netos adolescentes que seus avós eram pessoas nervosas, e resmungões. Isto se deve, de acordo com as autoras, devido aos papéis maternos e paternos exercidos pelos avós nesse contexto da criação e não apenas o papel de avós. Apesar disso, sugere-se a realização de estudos específicos acerca da figura dos avós que estão implicados na criação de netos.

3. Sentimentos pelos avós: amor, gratidão, apego e admiração

Nesta categoria os adolescentes relataram o que sentem por seus avós. Com relação às suas avós, os adolescentes esclareceram os sentimentos como o amor, a gratidão, o carinho, sensação de apego, a admiração, além de ela ser considerada uma segunda mãe, como nas falas seguintes: “*Sou mais apegada*”. (E1); “*Muito amor e carinho, admiração total*”. (E2); “*Ela é minha segunda mãe*”. (E3); “*O sentimento de agradecimento*”. (E4)

Quanto aos avós, os adolescentes deixaram claro os sentimentos de gostar dos avós, ter amor, carinho, admiração e gratidão, como revelam suas falas: “*Eu gosto*

muito dele". (E1); *"Carinho, admiração"*. (E2); *"Poder me formar, eu devo minha vó, eu devo meu vô."*. (E4); *"Eu amo! O sentimento é imenso"*. (E6)

Os sentimentos pelo avô falecido se referem aos sentimentos de amor, ao orgulho de ser neta e à falta que sente do avô: *"Eu também tenho orgulho de ser neta dele"*. (E3); *"Eu amava o meu avô, sinto muita falta dele"*. (E5). Sobre este aspecto, não se encontrou registro de pesquisas publicadas realizadas com adolescentes criados por avós que tratam dos sentimentos deles por seus avós falecidos.

Diante das análises, percebe-se que os adolescentes do estudo nutrem sentimentos positivos tanto em relação às suas avós quanto aos avôs que os criam. Os sentimentos podem ser reveladores de um vínculo positivo, marcado por amor, apreço e confiança. Noções parecidas com estas foram encontradas em outros estudos, como o de Dias, Aguiar, e Hora (2010), Dias et al. (2011) e Oliveira (2009).

4. Relações dos adolescentes com avós e avôs que os criam

Neste tópico, os adolescentes explicaram como é a relação com suas avós. Eles relataram ser uma relação boa, próxima, maravilhosa, como disseram: *"Mais próxima"*. (E1); *"É uma relação maravilhosa!"* (E6); *"É uma relação boa, a gente se dá muito bem"*. (E4)

Quando as adolescentes precisam de conselhos e dicas sobre a vida recorrem às avós, como relataram: *"Ela me dá dicas da vida"*. (E2); *"Eu pergunto coisas que eu não sei pra ela"*. (E5). Além disso, ambos conversam, brincam, riem juntos, realizam atividades como comprar e fazer coisas que o neto gosta, como colocaram: *"Brinca, abraça"*. (E2); *"Ri muito. A gente sai pra fazer compra junto"*. (E5); *"Ela gosta de fazer tudo o que eu quero, tudo tendo limites"*. (E6).

Nesse sentido, há obediência, apoio e ajuda por parte dos netos, como mencionado pelos entrevistados: *"Eu não posso é, negar as ordem dela"*. (E4); *"Sempre eu tô ajudando ela"*. (E4); *"Sempre que ela precisa de mim eu apóio ela"*. (E6).

Houve, ainda, relatos de brigas e chateações, na relação entre os netos e os avós que os criam. Os motivos para desentendimentos variam desde quando a avó briga com relação ao estudo da neta; o momento em que avó ou neta acabam falando algo que não deveriam; o fato de a neta pegar as roupas da avó para vestir e quando a avó pede algo e a neta não faz, como ilustrado a seguir:

Só briga do mesmo jeito e mandando eu ir estudar. (E3)

Tem dia que a gente tá naqueles dia, aí acaba falando besteira. (E5)

Ela não gosta de umas coisas que eu faço, que eu pego as roupa dela. Quando ela pede uma coisa, eu não faço, aí ela fica chateada. (E5)

Há aspectos semelhantes sobre a relação entre as avós que criam seus netos adolescentes ligados à proximidade da relação, à troca de afeto, à permanência do diálogo, à presença de discussões e conflitos entre eles e suas avós referidos na literatura como os que foram encontrados nos estudos de Arrais et al. (2012), Oliveira (2009), Pinto, Arrais e Brasil (2014), Sperling (2006) e Triadó et al. (2006).

A relação entre os adolescentes participantes da pesquisa e os avós foi descrita como uma relação em que o avô é tudo na vida da neta, principalmente no aspecto financeiro. Ao mesmo tempo, o avô faz o papel daquele que briga, sendo a relação considerada distante e fechada. *“Tudo é o meu avô, escola, remédio, tudo, roupa (...). Mas ele pega muito no meu pé, briga. Com ele sou mais distante, mais fechada”*. (E1). Porém, apesar desta descrição, a adolescente sente também a falta do avô: *“Às vezes, quando ele sai, eu sinto falta (...)”*. (E1).

Apesar de morar com seu avô na mesma casa, a adolescente E2 coloca que não tem muito contato com o avô devido a problemas ligados ao envelhecimento, como coloca: *“Não tenho tanto contato, porque ele quase não fala”*. (E2). Tal dificuldade de comunicação na fala do avô, não impede que ambos pratiquem atividade física juntos, como afirma: *“Levo ele pra fazer um pouquinho de caminhada (...)”*. (E2). Há de se considerar que mesmo que E2 considere que não tenha tanto contato com o avô, o seu relato é envolvido por carinho e cuidado, o que revela uma relação com indícios de saúde, amor, troca de afeto e companheirismo.

O participante E6 considera sua relação com o avô paterno mais próxima: *“Eu tenho mais proximidade com esse meu avô por parte de pai”*. (E6). O adolescente foi criado pelos avós paternos e maternos e no momento da pesquisa residia com os avós maternos (há dois meses). Porém, em seus relatos, destacam-se as falas mais voltadas àqueles que lhe criaram por mais tempo, que são os avós paternos.

Sobre a relação com seu avô, o mesmo afirma: *“Quando eu discuto com meu pai, a primeira pessoa que eu procuro é o meu avô por parte de pai, e ele sempre conversou comigo”*. (E6). Este dado sugere como a relação entre netos e avós pode ser próxima por conta do apoio emocional através do diálogo, conselhos recebidos pelo neto e a confiança estabelecida.

Estudos que tratam da relação avôs que criam netos adolescentes mostram resultados semelhantes ao do presente estudo (Dias, Hora, & Aguiar, 2010). No entanto, conforme já mencionado anteriormente, são escassos os estudos que tratam, especificamente, dos avôs que criam seus netos, uma vez que maior ênfase é dada à percepção das avós. Neste estudo, os avôs encontram-se acompanhados de suas esposas (as avós) na criação dos netos, sendo importante, portanto, a inclusão de sua perspectiva, bem como a realização de estudos que foquem a experiência de adolescentes que foram criados exclusivamente pelos avôs.

Até aqui, sugere-se que a relação avós e netos neste estudo está ligada ao apoio financeiro e apoio emocional aos netos. Algumas dificuldades, no entanto, também puderam ser encontradas nas falas dos adolescentes, fazendo referência aos conflitos intergeracionais e às implicações relacionais e familiares devido ao uso de álcool por parte de um avô.

Os conflitos intergeracionais observados nas falas dos adolescentes entrevistados perpassam diferentes caminhos. Em um deles, pode-se destacar, por exemplo, as percepções de E1 quanto à diferença intergeracional que marca a relação dela com os seus avós, o que configura um choque de gerações, conforme descrito no estudo de Triadó et al. (2006). A adolescente considera que, em alguns momentos, os avós querem que ela pense da mesma forma que eles, sendo que quando ela não aceita esta tendência, os conflitos ocorrem:

Tradições que eles trazem que não é do meu tempo, por isso que há esses conflitos. Eles querem que eu pense do mesmo jeito que eles e não é assim. São gerações diferentes, pensamentos diferentes. Aí quando isso bate, aí gera um certo conflito. (E1)

Já o conflito intergeracional existente entre E3 e sua avó diz respeito à atitude da avó querer criar as netas (incluindo E3), como teria criado os seus próprios filhos no passado. E3 discorda da postura da avó e cita um exemplo de quando isso ocorre, como a não aceitação por parte da avó do fato das netas quererem ir para festas. A postura da avó, no entanto, é contraposta à postura de maior aceitação por parte da mãe da adolescente, a qual demonstra maior flexibilidade.

Ela quer criar a gente como os filhos dela! Nesse tempo não tem como. Tipo, pra gente não ir pra festa... (...) Minha mãe já é mais 'na dela'. Pergunta à pessoa, aí, que horas. (...) Aí, deixava, mas minha vó ficava falando. (E3)

Outra dificuldade mencionada na relação entre avós e netos foi o abuso de álcool pelo avô do adolescente E5. O adolescente foi criado pelo avô desde bebê e os seus relatos expressam preocupação e tristeza diante do fato do avô que chega em casa alcoolizado.

Às vezes, ele fala alto. Ele xinga (...). Aí, tem vez que sobra pra vó, aí tem vez que meu pai ou meu tio tá lá em casa, aí acaba todo mundo discutindo por causa que ele bebe. Isso sempre gera uma discussão lá em casa. (E5)

O adolescente acentua ainda que o fato do avô chegar em casa bêbado causa estresse à sua avó: *“Eu acho que estressa mais a vó”*. (E5). Ao mesmo tempo, nota-se que, talvez, as discussões entre os familiares também podem potencializar as tensões na relação entre eles.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo principal compreender a experiência de adolescentes que são criados por avós. Especificamente, buscou-se descrever as circunstâncias que levaram à criação pelos avós, as percepções e sentimentos dos adolescentes a respeito dos avós, bem como sobre a relação com os mesmos.

O primeiro eixo temático do estudo diz respeito à história da criação contada pelos adolescentes entrevistados. Há a presença de percepções positivas sobre a criação pelos avós, o relato de sentimentos de felicidade e aceitação da própria história e, inclusive, a aceitação pelos motivos (separação dos pais, gravidez precoce, escolarização do neto, trabalho de ambos os pais) que levaram os pais a deixarem os filhos com os avós para criá-los. O fato de aparentemente sentirem-se bem e aceitarem sua história evidencia a desmistificação de ideias predominantes socialmente de que os adolescentes criados pelos avós são “carentes” por sofrerem pela ausência dos pais ou revoltados e rebeldes com sua própria história de vida.

As percepções, os sentimentos e as relações com seus avós corroboram as percepções que eles têm sobre sua própria história de vida. Geralmente os avós foram percebidos como figuras positivas com a presença de autoridade e afeto, assim como os sentimentos por eles e as relações entre eles descritas como permeadas de proximidade, amor, troca de afeto, ajuda financeira. Há ocorrências de desentendimentos e conflitos intergeracionais, porém, estas parecem ser contornadas no cotidiano das relações.

Pode-se observar uma percepção comum e cultural sobre os conflitos intergeracionais com o peso negativo, algo destruidor das relações. No entanto, estes

conflitos são esperados para os membros que convivem em grupo e podem ser positivos quando refletidos, transformados e elaborados, tornando a relação avó-neto integradora. Além disso, podem favorecer o amadurecimento familiar, inclusive ajudando os adolescentes a integrarem o passado com presente da sua história de vida familiar, contribuindo para que ele possa crescer e construir de forma mais saudável o seu projeto de vida adulta.

Um aspecto importante a se deixar claro é o fato de que este estudo pode contribuir para que haja uma desmistificação quanto ao fato de pessoas serem criadas por avós serem pré-julgadas como aqueles que vivenciam necessariamente o abandono materno. No sentido contrário a essa constatação, no presente estudo, verificou-se que os adolescentes tiveram continência afetiva tanto de seus avós quanto de outros membros familiares (tios e tias, por exemplo), o que pode ter propiciado a diminuição de relatos de possíveis “abandonos”. Portanto, este estudo corrobora a ideia de que o fato de o adolescente ser criado por seus avós pode ser algo positivo, ao contrário do que o senso comum frequentemente veicula. Tem-se ainda, claramente, a noção dos adolescentes de que seus avós ocupam lugares de pai e de mãe, além de serem vistos como modelos identitários. Esse fato, por sua vez, atesta o quanto a sua criação é percebida como positiva e seus avós vistos da mesma forma.

As circunstâncias que levaram os netos a serem criados por seus avós são consideradas negativas, como a separação dos pais, a reprovação escolar, a gravidez adolescente, por exemplo. Porém, nota-se que as famílias têm escolhido o arranjo familiar corresidente como forma de sobreviver e equilibrar-se frente a mudanças não esperadas durante ciclo vital familiar.

Para estudos futuros, poderia utilizar-se a entrevista semi-estruturada conciliando-a com outras técnicas de dados, como os grupos focais e a observação-participante, por meio da qual os pesquisadores possam observar as interações entre avós e netos ou adolescentes e seus pares garantindo uma amplidão e profundidade dos dados da pesquisa. No entanto, apesar dessas dificuldades, acredita-se que as respostas dos participantes à entrevista semi-estruturada respondem a contento aos objetivos dessa pesquisa.

Por fim, acredita-se que este estudo poderá contribuir com o campo de pesquisas que trata da percepção dos netos sobre sua vivência de criação pelos avós, sobretudo porque permitiu “dar voz” à experiência dos próprios adolescentes. Estes, conforme se pode perceber, descreveram uma dinâmica de configurações familiares que fogem ao

modelo nuclear tradicional e que tendem a ser positivos e “adaptativos” ao funcionamento familiar. Tais dados certamente podem iluminar a atuação de profissionais que trabalham cotidianamente com esse público, seja no contexto escolar ou de saúde, por exemplo.

Referências

- Atalla, M. M. A. (1996). *Netos, o olhar das avós: vivências das avós que cuidam de seus netos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Araújo, C. P. de & Dias, C. M. de S. B. (2010). Avós guardiões de baixa renda. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, 4(2), 229-237.
- Arrais, A. da R., Brasil, K. C. T. R., Cárdenas, C. J. de. & Lara, L. (2012). O lugar dos avós na configuração familiar com netos adolescentes. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, 15 (2), 159-176.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, M. L. (1987). *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Batista, M. A. (2009). Valorização dos avós na matriz de identidade. *Revista Brasileira de Psicodrama*. São Paulo, 17 (1), 13-19.
- Cardoso, A. R. (2011). *Avós no século XXI: mutações e rearranjos na família contemporânea*. Curitiba: Juruá.
- Cardoso, A. R. & Brito, L. M. T. de. (2014). Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? *Psicologia USF*, Bragança Paulista, 19 (3), 433-441.
- Cardoso, V. S. & Costa, L. F. (2011). A interação do idoso com o contexto jurídico na situação de pedido de guarda judicial de neto. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, 48 (192), 227-240.
- Cardoso, V. S. & Costa, L. F. (2012). Guarda judicial de netos: tempo e dinheiro nas interações familiares. *Aletheia*, Canoas, 38-39, 109-123.
- Cardoso, V. S. & Costa, L. F. (2014). “Não me perguntem com quem eu quero ficar”: a voz da criança e os avós no pedido de guarda judicial. *Revista de Psicologia da IMED*, Passo Fundo, 6 (1), 58-64.
- Costa, A. C. R. da, Cavalcante, L. I. C., & Pontes, F. A. R. (2015). Metas e estratégias de socialização de pais e avós de crianças em acolhimento institucional. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, Juiz de Fora, 8 (1), 94-110.

- Coutrim, R. M. da E. (2006). Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais. *Sociedade e Estado*, 21(2), 367-390.
- Cunha, B. & Matos, P. M. (2010). Relações intergeracionais: significados de adolescentes sobre avós e idosos. In *Anais do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, Portugal, 1038-1052.
- Dias, C. M. de S. B. (1994). A importância dos avós no contexto familiar. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, Brasília, 10 (1), 31-40.
- Dias, C. M. de S. B. & Silva, D. V. da. (1999). Os avós: uma revisão da literatura nas últimas três décadas. In T., Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Nau, 118-149.
- Dias, C. M. de S. B., Aguiar, A. G. de S. & Hora, F. F. A. da. (2010). Netos criados por avós: motivos e repercussões. In T., Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas* (pp.41-58). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dias, C. M. de S. B., Hora, F. F. A. da & Aguiar, A. G. de S. (2010). Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. *Psicologia: teoria e prática*, São Paulo, 12 (2), 188-199.
- Dias, C. M. de S. B., Ataíde, É. R. de, Magalhães, K. A. & Albuquerque, N. C. C. de. (2011). As relações entre as gerações nas famílias chefiadas por idosos. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 79-94). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Sinopse do Censo Demográfico de 2010*. Rio de Janeiro, 2011.
- Kipper, C. D. R. (2004). *O tornar-se avó no processo de individuação*. Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Lima, C. A. S. de. & Rocha Junior, A. (2014). O processo de reparação na mudança da avosidade para a parentalidade baseado na custódia e educação dos netos. *Revista Educação*, Guarulhos, 9 (1), 61-83.
- Mainetti, A. C. & Wanderbroocke, A. C. N. de S. (2013). Avós que assumem a criação dos netos. *Pensando Famílias*, 17 (1), 87-98.
- Oliveira, A. R. V. & Karnikowski, M. G. de O. (2012). Apoio financeiro oferecido por avós a netos adolescentes. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, 15 (2), 145-158.

- Oliveira, A. R. V. & Pinho, D. L. M. (2013). Relações entre avós e seus netos adolescentes: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, 16 (3), 633-642.
- Oliveira, P. de S. (1998). Cultura e co-educação de gerações. *Psicologia USP*, São Paulo, 9 (2), 261-284.
- Oliveira, S. A. P. de. (2009). *O jovem frente à velhice e ao envelhecimento: estudo realizado com alunos de 15 a 18 anos de escola pública na região do Itaim Paulista*. Dissertação de mestrado em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Pacheco, M. E. A. G. & Alves, S. M. M. (2012). A função dos idosos avós na contemporaneidade: uma análise preliminar da estrutura familiar. *Conhecimento e Diversidade*, Niterói, 8, 93-103.
- Paula, F. V. de., Silva, M. J. da., Bessa, M. E. P., Moraes, G. L. A. de. & Marques, M. B. (2011). Avós e netos no século XXI: autoridade, afeto e medo. *Revista Rede de Enfermagem do Nordeste*, Fortaleza, 12 (número especial), 913-921.
- Peixoto, C. E. (2000). Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In C. E. Peixoto; F. de Singly & V. Cicchelli (Orgs.). *Família e individualização* (pp. 95-11). Rio de Janeiro: FGV.
- Pinto, K. L. B., Arrais, A. da R. & Brasil, K. C. T. R. (2014). Avosidade x maternidade: avó como suporte parental na adolescência. *Psicologia USF*, Bragança Paulista, 19 (1), 37-47.
- Rabelo, D. F. & Neri, A. L. (2014). A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos. *Pensando Famílias*, Porto Alegre, 18 (1), 138-153.
- Saito, V. L. E. & Loureiro, A. M. L. (2013). O imaginário de um grupo de avós idosos responsáveis por seus netos adolescentes em vulnerabilidade. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, 16 (4), pp.139-158.
- Santos, T. M. dos., Silva, S. S. da C. & Pontes, F. A. R. (2011). A participação dos avós no cuidado dos netos em uma comunidade ribeirinha amazônica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 13 (1), 182-197.
- Soto, M. C. R., Chacón, O. M. P. & Restrepo, S. M. V. (2009). Los abuelos favoritos desde la percepción de preadolescentes de la ciudad de Armenia. *Revista Investigaciones Universidad del Quindío*, Armenia, 19, 28-41.

- Sperling, R. H. (2006). *Arteterapia e o relacionamento entre netos-adolescentes e avós-idosos em oficinas artísticas terapêuticas*. Dissertação de Mestrado em Gerontologia, Pontífica Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Triadó, C., Villar, F. Solé, C., Osuna, M. J. & Celdrán, M. (2006). Percepciones cruzadas entre abuelos y nietos em uma muestra de díadas: uma aproximación cualitativa. *Revista Española de Geriatria y Gerontología*, Barcelona, 41 (2), 100-110.
- Triadó, C., Martínez, G. & Villar, F. (2000). El rol y la importância de los abuelos para sus nietos adolescentes. *Anuario de Psicologia*, Barcelona, 31 (2), 107-118.
- Yamashiro, J. A. & Matsukura, T. S. (2014). Apoio intergeracional em famílias com crianças com deficiência. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 19 (4), 705-715.